



Elizabeth Fernandes da Cunha

Crônicas de Bogotá: a vitrine e a cidade.

RIO DE JANEIRO

2023

Elizabeth Fernandes da Cunha

Crônicas de Bogotá: a vitrine e a cidade.

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada/Bacharel em Letras – Português-Espanhol e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento
Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/RJ

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

C363c CUNHA, ELIZABETH
CRÔNICAS DE BOGOTÁ: A VITRINE E A CIDADE /
ELIZABETH CUNHA. -- Rio de Janeiro, 2023.
35 f.

Orientadora: PROFESSORA DOUTORA LUCIANA MARINO
DO NASCIMENTO.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Espanhol, 2023.

1. A MODERNIDADE EM CENA. 2. O ESPETÁCULO DAS
CIDADES MODENAS. 3. AMODERNIDADE NAS CRÔNICAS TIPOS
DE BOGOTÁ, DE FRANCISCO CARRASQUILLA. I. MARINO DO
NASCIMENTO, PROFESSORA DOUTORA LUCIANA, orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Elizabeth Fernandes da Cunha

DRE: 113087305

Crônicas de Bogotá: a vitrine e a cidade.

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada/Bacharel em Letras – Português-Espanhol e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento – UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro. SIAPE 1515091


Leitor Crítico: Prof. Dr João Carlos de Souza Ribeiro - Nota: 10 (dez)

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento - Nota: 10 (dez)

Média final: 10 (dez)

Data da avaliação: 03/11/2023.

Assinatura dos membros da Banca



Prof^ª Dr^ª Luciana M. do Nascimento
Orientadora - Presidente da Banca Examinadora
Matrícula SIAPE nº 1515091
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras

RESUMO

Ao longo do século XIX desenvolveu-se o paradigma da modernidade associado a um processo civilizatório de matriz europeia, que incluía novos comportamentos e sociabilidades, além de ter modificado o espaço urbano. Na América Latina, a modernidade europeia de fins do século XIX foi absorvida, o que se expressou na arte, na cultura, na literatura e na urbanização. Mesmo tendo herdado do período colonial, a maior parte da configuração do seu sítio urbano estava concentrado junto a Plaza Bolívar, onde se concentravam as atividades administrativas, o comércio, o luxo e o lazer, o que tornava a cidade uma vitrine moderna. A partir do desenvolvimento dos periódicos e a atuação dos homens de letras, a cidade foi captada e reinventada pela pena de seus escritores, configurando uma estreita aliança entre literatura e experiência urbana. No caso da Colômbia, Francisco de Paula Carrasquilla (1855-1897), escritor nascido em Bogotá, produziu uma vasta obra e atuou como diretor na Revista *El Museo Social: periódico de crítica y cuadro de costumbres*, o que explica a sua apurada observação da vida cotidiana e dos costumes de sua obra mais conhecida – *Tipos de Bogotá (1886)*. Ao escrever sobre Bogotá, Carrasquilla colocou em cena, a vida nas ruas movimentadas da cidade, descrevendo os diferentes personagens que as habitam, tais como: os vendedores ambulantes com suas mercadorias coloridas, os músicos de rua que encantam os passantes com seus talentos, os transeuntes apressados em meio ao trânsito caótico. Foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico com o aporte de textos historiográficos e teóricos sobre os tópicos, a saber: modernidade, Colômbia, cidade, literatura e experiência urbana. Nesse sentido, entrelaçamos as reflexões teóricas de Berman (1986); Bauman (2000); Habermas (1969); Nascimento (2010; 2018; 2021); Candido (1992); Arrigucci Jr. (1985). Bauman (2000); Bolle (2000); Candido (1992); Calvino (1972); Dickens(1860;1861); Freitag (1995); Kafika (1997); Miéville(1972); Watt (1996); Rodrigues(1993); Santiago (2004).

Palavras-chave: Literatura e experiência urbana; crônica; vida cotidiana, Francisco de Paula Carrasquilla; literatura colombiana do século XIX.

RESÚMEN

A lo largo del siglo XIX se desarrolló el paradigma de la modernidad asociado a un proceso civilizatorio de matriz europea, que incluía nuevos comportamientos y sociabilidades, además de haber modificado el espacio urbano. En América Latina, la modernidad europea de finales del siglo XIX fue absorbida, lo que se expresó en el arte, la cultura, la literatura y la urbanización. A pesar de haber heredado del período colonial la mayor parte de la configuración de su entorno urbano concentrado en torno a la Plaza Bolívar, donde se desarrollaban las actividades administrativas, el comercio, el lujo y el ocio, lo que convertía a la ciudad en una vitrina moderna.

A partir del desarrollo de los periódicos y la actuación de los hombres de letras, la ciudad fue captada y reinventada por la pluma de sus escritores, configurando una estrecha alianza entre literatura y experiencia urbana. En el caso de Colombia, Francisco de Paula Carrasquilla (1855-1897), escritor nacido en Bogotá, produjo una extensa obra y se desempeñó como director en la Revista *El Museo Social*: periódico de crítica y cuadro de costumbres, lo que explica su aguda observación de la vida cotidiana y de las costumbres en su obra más conocida, "Tipos de Bogotá" (1886). Al escribir sobre Bogotá, Carrasquilla puso en escena la vida en las bulliciosas calles de la ciudad, describiendo a los diferentes personajes que la habitan, como los vendedores ambulantes con sus mercancías coloridas, los músicos callejeros que encantan a los transeúntes con su talento y los peatones apresurados en medio del caótico tráfico.

Se realizó una investigación de carácter bibliográfico con la contribución de textos historiográficos y teóricos sobre los temas, a saber: modernidad, Colombia, ciudad, literatura y experiencia urbana. En este sentido, se entrelazaron las reflexiones teóricas de Berman (1986), Bauman (2000), Habermas (1969), Nascimento (2010, 2018, 2021), Candido (1992), Arrigucci Jr. (1985), Bauman (2000), Bolle (2000), Candido (1992), Calvino (1972), Dickens (1860, 1861), Freitag (1995), Kafka (1997), Miéville (1972), Watt (1996), Rodrigues (1993) y Santiago (2004).

Palabras clave: Literatura y experiencia urbana; crónica; vida cotidiana; Francisco de Paula Carrasquilla; literatura colombiana del siglo XIX.

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.

William Shakespeare

Agradecimentos

Aos meus filhos Gabriella Fernandes Gachet e Raphael Fernandes Gachet que foram meus maiores incentivadores e em momento algum me deixaram desistir.

Aos meus amigos e parentes que mesmo sabendo das minhas dificuldades e limitações tinham sempre uma palavra de incentivo.

A minha Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, paciência e amizade, sempre disponível a compartilhar todo seu vasto conhecimento.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

À instituição de ensino UFRJ, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Aos professores, pelas correções, orientações e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

*Uma dedicatória especial para minha neta
Olívia Freire Gachet: minha menina, por mais
que as coisas pareçam difíceis, não sinta
vergonha em pedir ajuda, lute por seus ideais e
pelo que você achar que seja justo.*

Sumário

Introdução	11
1. A Modernidade em cena.....	15
2. . O espetáculo das cidades modernas.....	17
3. A modernidade nas Crônicas de <i>Tipos de Bogotá</i> , de Francisco Carrasquilla.....	22
4. Considerações finais	33
5. Referências	35

Introdução

A literatura colombiana é uma rica expressão artística que reflete a complexidade e a diversidade cultural desse país sul-americano. Ao longo de sua história, a literatura colombiana passou por diversas fases, cada uma marcada por características distintas e influências culturais específicas. Desde as primeiras manifestações literárias, passando pelo romantismo, realismo, modernismo e chegando aos movimentos contemporâneos, as fases da literatura colombiana expressam as transformações sociais, políticas e culturais vivenciadas pelo país.

A Modernidade enquanto conceito consolidado no século XIX vem suscitando debates e estudos desde a Revolução Francesa, tendo gerado diversas reverberações nos séculos posteriores. Tendo em vista ser a obra de Carrasquilla, uma obra do final do século XIX, tomaremos o conceito de modernidade engendrado nesse século.

O filósofo estadunidense Marshall Berman (1986), explora o conceito de modernidade e seu reflexo no pensamento e no imaginário nos séculos XIX e XX. A modernidade para Berman se caracterizou por mudanças significativas na sociedade, na cultura, economia, tecnologia e política. Tradicionalmente, a modernidade é associada ao período que se estendeu aproximadamente do século XVII ao século XX, marcado pela ascensão do racionalismo, da ciência, da industrialização e da democracia.

Na esteira do pensamento de Berman (1986) e pensando na fluidez da modernidade como àquela que “desmancha no ar”, vale ressaltar a “modernidade líquida”, como uma categoria de análise que expressa a fugacidade das estruturas da sociedade moderna. Segundo o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), a modernidade é líquida, termo utilizado por ele para descrever um mundo, mais globalizado, onde as relações são frágeis, fugazes e maleáveis.

Modernidade Líquida foi um conceito desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu livro de mesmo nome, *Modernidade Líquida*, publicado pela primeira vez em 2000, o livro analisa as características da sociedade contemporânea e propõe uma nova perspectiva sobre a modernidade. Para ele, a modernidade líquida é marcada pela falta de ancoragem e pela sensação de insegurança. As pessoas são incentivadas a buscar constantemente novas oportunidades, a se adaptar rapidamente a

mudanças e a perseguir uma felicidade fugaz e efêmera. A fluidez das estruturas sociais também leva a uma maior individualização e fragmentação da sociedade, onde os laços comunitários e as formas tradicionais de solidariedade são enfraquecidos.

Em suas análises, Bauman aborda temas como a globalização, a sociedade de consumo, a cultura do descartável, a velocidade da informação e as consequências da liquidez na vida cotidiana. Ele questiona os impactos sociais e psicológicos dessa condição fluida, destacando as tensões e desafios que surgem em um mundo onde as estruturas estão em constante mutação.

Bauman ressalta que essa liquidez tem implicações significativas para diversos aspectos da vida contemporânea, incluindo o trabalho, a política, a identidade, as relações pessoais e o consumismo. Para o filósofo, a modernidade líquida é marcada pela falta de ancoragem e pela sensação de insegurança. As pessoas são incentivadas a buscar constantemente novas oportunidades, a se adaptar rapidamente a mudanças e a perseguir uma felicidade fugaz e efêmera. A fluidez das estruturas sociais também leva a uma maior individualização e fragmentação da sociedade, onde os laços comunitários e as formas tradicionais de solidariedade são enfraquecidos.

Foi no bojo da modernidade no século XIX que a ciência urbanística passou a gerir as cidades com critérios científicos, o que resultou no advento do fenômeno urbano moderno, a partir da remodelação das cidades e do planejamento de novos sítios urbanos não só na Europa como também em outros continentes, como foi o caso da América Latina.

A modernidade no século XIX trouxe uma série de mudanças significativas em diversos aspectos da sociedade, incluindo a ciência urbanística. Durante esse período, muitas cidades passaram por um intenso processo de urbanização, como o crescimento da população e o desenvolvimento industrial. Essas transformações levaram a novas abordagens do planejamento e no design das cidades.

Um dos principais movimentos que influenciaram a ciência urbanística nessa época foi o movimento do urbanismo higienista. Esse movimento buscava melhorar as condições sanitárias das cidades, combatendo a propagação de doenças e insalubridade. As reformas higienistas incluíam a criação de sistema de abastecimento de água e esgoto, o alargamento de ruas para melhorar a circulação do ar e a criação de áreas verdes e populares.

Este trabalho constituiu um desdobramento das discussões realizadas no grupo de estudos A cidade e as Letras, coordenado pela Professora Doutora Luciana Marino

do Nascimento, do qual participamos entre os anos de 2015-2016, sendo o tema da cidade muito relevante para pensarmos como os sujeitos se relacionam com o espaço através da escrita literária. A escolha da obra se deu por sugestão da Professora Doutora Luciana, buscando apresentar a importância da literatura e do escritor colombiano no contexto da América Latina.

A literatura urbana abrange uma ampla gama de gêneros, desde romances realistas até ficção científica distópica, poesia e contos curtos. Autores como William Shakespeare, Dostoiévski, Gabriel García Márquez, e muitos outros imortalizaram cidades como Londres, São Petersburgo, “Macondo”, cada uma com sua própria identidade literária.

A Colômbia - país de origem do escritor que foi escolhido para o estudo dessa monografia- gerou uma das literaturas mais ricas da América Latina, não só pela fartura de autores, mas também por sua variedade e novidades apresentadas durante os séculos XIX e XX. Os escritores que colaboraram de maneira significativa, durante este período, contribuíram categoricamente para o fortalecimento da cultura e da literatura latino-americana.

Nosso objetivo neste trabalho monográfico foi estudar as crônicas *La Beata*, *El Músico de Cuerda* y *El Recién Llegado de Europa* tendo como horizonte de leitura as relações entre literatura e experiência urbana. Podemos notar que nos séculos XIX e XX houve um entrelaçamento entre a literatura e a história e os escritores se encarregaram de escrever a nação, fixando-a literariamente.

Este trabalho se encontra dividido em três blocos, sendo que no primeiro capítulo tratamos *da Modernidade em Cena*; já no segundo capítulo discutimos *O Espetáculo das Cidades Modernas* e no terceiro, realizamos uma leitura das seguintes crônicas: *La Beata* (A Beata), *El Músico de Cuerda* (O Músico de Corda) y *El Recién Llegado de Europa* (O Recém-chegado da Europa) da obra *Tipos de Bogotá*, de autoria do escritor colombiano Francisco de Paula Carrasquilla, tendo como foco a representação da cidade moderna e suas sociabilidades.

Francisco de Paula Carrasquilla foi um escritor colombiano que nasceu em 1º de julho de 1857, em Santa Rosa de Osos, Antioquia, na Colômbia. Ele é conhecido como um dos principais representantes da literatura regionalista da Colômbia. Carrasquilla foi criado em uma família de classe média e recebeu uma educação tradicional. Inicialmente, ele estudou no Seminário Conciliar de Santa Rosa de Osos, mas

abandonou os estudos religiosos para se dedicar à carreira literária. Mais tarde, ele se formou como advogado na Universidade de Antioquia.

A obra de Carrasquilla é conhecida por retratar a vida e as tradições da região de Antioquia. Ele escreveu contos e novelas que exploram a vida rural, as paisagens e os costumes do povo colombiano. Suas histórias são caracterizadas por uma descrição realista e uma abordagem psicológica de seus personagens. Seus escritos abordam temas como a moralidade, a religião, a política e a condição humana. Carrasquilla foi considerado um mestre da narrativa curta e seus contos são apreciados pela precisão e elegância de sua escrita.

Nosso caminho metodológico foi a pesquisa bibliográfica com o estudo teórico da temática cidade e modernidade, tendo em vista o fenômeno moderno globalizante desencadeado em fins do século XIX, que se estendeu ao longo do século XX. Nesse sentido, os textos sobre a modernidade de Berman (1986); Bauman (2001); Nascimento (2010) serviram de sustentação para o estudo da obra *Tipos de Bogotá*, de Francisco de Paula Carrasquilla, bem como os textos sobre as relações entre literatura e experiência urbana, tais como Nascimento (2017, 2020); Gomes (2004); Rolnik (1999) também, nos serviram de base para a realização desse estudo. Além disso, utilizamos como referenciais sobre o gênero crônica, os textos de Candido (1992) e Arrigucci Jr. (1987), para estudarmos as marcas do efêmero e da vida moderna, nos Tipos de Bogotá.

Por fim, ao estudarmos a obra *Tipos de Bogotá*, de Francisco de Paula Carrasquilla, percebemos que os personagens citados representam metaforicamente os dois lados da sociedade colombiana: a classe trabalhadora explorada e a elite de janotas.

1. A modernidade em cena

Por volta do século XVIII o conceito de modernidade apareceu pela primeira vez, a partir dos fenômenos iluminismos (movimento com o objetivo de criar consciência para a própria razão, o que levaria à confiança, liberdade, dignidade, autonomia, emancipação e felicidade do homem.), Revolução Industrial (1760-1840) e Revolução Francesa (1789 –1799).

A Modernidade tem como característica a supremacia da racionalidade, a maneira de como se pode ver o mundo. Esse novo conceito colocou o mundo “de cabeça pra baixo” com seus pensamentos e reestruturação do conservadorismo, levando o mundo a uma ideia futurista.

Jürgen Habermas é um filósofo e sociólogo alemão conhecido por sua teoria da ação comunicativa e sua contribuição para a compreensão da modernidade. Habermas analisa a modernidade como um processo social complexo, marcado pela racionalização, pela burocratização e pela crescente importância da esfera pública.

Em sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (1962), Habermas examina a transformação da esfera pública ao longo do tempo, desde as sociedades pré-modernas até a sociedade burguesa moderna. Ele argumenta que a esfera pública, como um espaço de discussão pública e formação de opinião, desempenha um papel crucial na manutenção de uma sociedade democrática.

Para Habermas, a modernidade é caracterizada por uma racionalidade instrumental, na qual a razão é utilizada como meio para alcançar determinados fins. Essa racionalidade instrumental permeia as esferas política, econômica e social, levando a uma ênfase na eficiência, na técnica e no cálculo dos meios e dos fins. No entanto, Habermas também destaca a importância da razão comunicativa, que envolve a busca pelo entendimento mútuo e a cooperação social baseada em normas de comunicação não distorcidas.

A teoria da ação comunicativa de Habermas propõe que a modernidade ideal seria aquela em que a razão comunicativa se torna o princípio orientador da sociedade, substituindo a racionalidade instrumental dominante. Isso implica a criação de espaços

públicos onde os indivíduos possam se engajar em discussões racionais e alcançar um entendimento compartilhado.

Habermas também enfatiza a importância da participação política dos cidadãos na modernidade. Ele argumenta que uma esfera pública robusta e inclusiva é fundamental para a democracia e para a garantia dos direitos individuais. Além disso, ele destaca a necessidade de uma esfera pública transnacional que possibilite a comunicação e a cooperação entre diferentes nações e culturas.

A modernidade para Habermas é um processo complexo que envolve racionalidade instrumental, burocratização e transformações na esfera pública. Ele defende a importância da razão comunicativa, da participação política e da esfera pública para uma modernidade mais democrática e inclusiva.

Na concepção de Marshall Berman (1986) escritor e filósofo estadunidense marxista, a modernidade é uma categoria da experiência: designa aquele "vórtice de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia" que distingue a vida dos seres humanos desde o início da sociedade moderna por volta de 1500 até o presente. Segundo o autor em sua obra *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade ele cita que ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. Sobre tal afirmação podemos destacar o trecho a seguir.

É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. (BERMAN, 1986, p. 13).

A modernidade foi marcada por um rápido crescimento urbano e industrialização. As cidades se tornaram centros de atividade econômica, inovação e mudança social. A vida urbana moderna trouxe novas formas de experiência e uma sensação de velocidade, agitação e anonimato. A imagem da cidade moderna, com seus arranha-céus, luzes brilhantes e multidões, capturou a imaginação coletiva e se tornou um símbolo do progresso, trazendo um impacto profundo no imaginário mundial, transformando as percepções, valores e aspirações das pessoas ao redor do globo. Na tecnologia, a modernidade trouxe uma série de avanços tecnológicos revolucionários, como a eletricidade, o telefone, a televisão, o computador e a internet. Essas inovações mudaram a forma como nos comunicamos, trabalhamos, nos informamos e nos divertimos. Essas tecnologias expandiram as fronteiras do conhecimento e permitiram o

acesso a informações e ideias de todo o mundo, ampliando o horizonte mental das pessoas.

A globalização nos deu uma ideia de como a modernidade promoveu esse avanço, conectando diferentes partes do mundo em uma rede complexa de relações econômicas, políticas e culturais. Isso levou à disseminação de ideias, influências culturais e estilos de vida entre diferentes sociedades. O contato entre culturas diversas permitiu a troca de experiências e perspectivas, enriquecendo o imaginário coletivo.

Consumismo e cultura de massa trouxeram consigo uma cultura de consumo e a ascensão da cultura de massa. A publicidade, os meios de comunicação de massa e a produção em massa de bens de consumo moldaram os desejos, valores e aspirações das pessoas. O consumo passou a ser uma forma de expressão individual e status social, influenciando profundamente o imaginário coletivo e as representações simbólicas da sociedade.

A modernidade também trouxe novas formas de expressão artística, movimentos artísticos inovadores, como o impressionismo, o cubismo, o dadaísmo, o surrealismo, o expressionismo, entre outros. Esses movimentos romperam com as convenções tradicionais, desafiaram as normas estabelecidas e exploraram novas formas de expressão. A arte moderna expandiu o repertório estético e contribuiu para a transformação do imaginário mundial.

Na modernidade, foram introduzidas mudanças sociais e políticas de grande magnitude que moldaram profundamente o curso da história, como o surgimento de movimentos de direitos civis, o feminismo, a luta pelos direitos LGBTQ+, entre outros. Esses movimentos desafiaram as estruturas de poder existentes, buscando igualdade, liberdade e justiça social. Essas lutas influenciaram a forma como as pessoas percebem a si mesmas, aos outros e às possibilidades do mundo, ampliando o imaginário coletivo. Esses são apenas alguns exemplos de como a modernidade influenciou o imaginário mundial. É importante ressaltar que as percepções e impactos da modernidade podem variar em diferentes partes do mundo, uma vez que as transformações ocorreram de maneiras distintas em cada contexto cultural e social.

2. O espetáculo das cidades modernas

As cidades modernas oferecem um espetáculo único e fascinante, repleto de elementos que encantam os sentidos e cativam os visitantes. Esses centros urbanos vibrantes são o resultado da evolução do planejamento urbano, da arquitetura e do desenvolvimento tecnológico, conforme assinala Nascimento (2021):

[...] a cidade gerada pela modernidade no século XIX, principalmente, concretizou o modo capitalista de produção com suas dissonâncias e conflitos. O desenho urbano passou a acompanhar o desenvolvimento do mercado e a consolidação do capitalismo, fazendo com que a cidade ganhasse formas e traçados que a distinguiam dos demais modos de aglomeração precedentes. (NASCIMENTO, 2021, p. 6)

Uma das características marcantes das cidades modernas foi o reordenamento do espaço, demarcando também a posição social dos seus habitantes, como parte da divisão do trabalho trazida pela consolidação do capitalismo, conforme afirma Nascimento (2021): “Enquanto espaço da alta divisão do trabalho, a cidade é também espaço da multiplicidade que se efetua na rua.” (NASCIMENTO, 2021, p. 7). Nesse sentido, as cidades modernas também são famosas por sua diversidade cultural. Elas abrigam uma variedade de pessoas de diferentes origens étnicas, culturais e religiosas, criando um ambiente multicultural único. Essa diversidade se reflete na culinária, na música, nas artes e nas festividades que ocorrem nas ruas, proporcionando aos visitantes uma experiência sensorial rica.

Outro aspecto fascinante das cidades modernas é a sua efervescência e atividade incessante. A vida urbana está sempre em movimento, com pessoas se deslocando rapidamente, carros passando, mercados movimentados, restaurantes lotados e uma infinidade de eventos acontecendo a todo o momento.

A cidade desde os fins do século XIX tem desempenhado um papel significativo na literatura, servindo como um cenário vibrante e multifacetado para histórias e reflexões sobre a condição humana. Através da escrita, os autores exploram os desígnios

da cidade, revelando suas características únicas, dinâmicas sociais, desafios e complexidades:

Na segunda metade do século XIX, com o surgimento do fenômeno urbano, instaurou-se um imaginário moderno. Podemos observar que boa parte da literatura passou a ser produzida na e sobre a cidade, cujo processo foi impulsionado pela circulação de ideias, o desenvolvimento da imprensa, a circulação de jornais, a criação de livrarias e editoras. Pode-se perceber que muitos dos textos literários que circularam sobre a cidade, sejam eles crônicas, contos ou romances, todos contribuíram significativamente para instaurar uma nova sensibilidade urbana e moderna, bem como expressaram, em grande parte, os anseios de modernidade de uma classe consumidora urbana. (NASCIMENTO, 2018, p. 26).

A cidade, muitas vezes, é retratada como um microcosmo da sociedade, com todas as suas complexidades e contradições expostas. Ela oferece uma variedade de experiências humanas, desde o anonimato e a solidão até a agitação e a interação social intensa. A literatura nos permite mergulhar nas ruas movimentadas, becos sombrios, praças cheias de vida e edifícios icônicos das cidades, explorando temas como desigualdade social, urbanização, alienação, luta de classes, busca de identidade e transformação pessoal.

A cidade também pode ser personificada, adquirindo uma personalidade própria. Ela pode ser retratada como um ente vivo, pulsante e cheio de energia, capaz de influenciar e moldar a vida de seus habitantes. Autores como Italo Calvino em *As Cidades Invisíveis* (1997), para o autor a cidade não é só um espaço geográfico ela passa a ser um símbolo inesgotável da experiência humana ou China Miéville em *The City & the City* (2014) que é um romance que combina elementos fantásticos do gênero conhecido como ficção estranha com características do drama policial e do romance negro, criaram cenários urbanos onde a cidade é quase um personagem central, com suas peculiaridades e mistérios.

Além disso, a literatura também pode explorar os desafios e problemas enfrentados pelas cidades, como a degradação urbana, a perda de identidade cultural, a gentrificação e a desigualdade socioeconômica. Outros autores como Arthur Conan Doyle em seus romances de Sherlock Holmes ou George Orwell em *1984* abordaram a cidade como um ambiente opressivo e controlador, onde os personagens principais lutam para se libertar das restrições e injustiças.

A cidade desempenha um papel fundamental na literatura, servindo como pano de fundo para histórias e como um espelho para refletir os anseios, desafios e desígnios

da sociedade. Através da escrita, os autores exploram a complexidade da vida urbana, revelando as camadas sociais, as contradições e a diversidade de experiências que as cidades oferecem.

A ciência urbanística, também conhecida como urbanismo, ganhou destaque como uma disciplina que buscava entender e melhorar a organização das cidades. Os urbanistas do século XIX estavam preocupados com questões como o crescimento desordenado, a falta de infraestrutura adequada, a insalubridade e a produtividade:

A urbanística de fins do século XIX apresentou-se como uma ciência que pretendeu solucionar os problemas das cidades atormentadas pela insalubridade e pelo inchaço populacional. Com medo de que o agravamento das mazelas urbanas conduzisse a uma situação de ingovernabilidade, o poder interagiu no espaço das metrópoles com o intuito de controlá-lo. Outro esforço ordenador foi a cidade “planejada no papel.” (NASCIMENTO, 2005, p.69.).

Outra abordagem importante na ciência urbanística do século XIX foi o planejamento urbano baseado na concepção de boulevards e avenidas largas. Essa ideia foi inspirada principalmente por Georges-Eugène Haussmann, prefeito que realizou a grande reforma urbana de Paris durante o Segundo Império Francês, tendo promovido a demolição de antigas estruturas e a construção de grandes avenidas, praças e parques. (NASCIMENTO, 2010, p. 26).

Em suma, a modernidade no século XIX teve um impacto significativo na ciência urbanística, levando ao surgimento de novas abordagens no planejamento e no design das cidades. O movimento higienista e as reformas urbanas, juntamente com os avanços científicos e tecnológicos da época, contribuíram para a transformação das cidades e das relações entre o espaço urbano e seus habitantes, conforme assinala Nascimento (2021):

O fenômeno urbano moderno implicou em uma série de mudanças nas relações dos indivíduos com os espaços. Richard Sennet, em seu texto “O tumulto da vida pública no século XIX”, afirmou que os sujeitos se tornaram tipos particulares de atores no teatro da vida urbana, criando assim novas sociabilidades inventadas. E foram, justamente, as percepções do fenômeno urbano que modificaram o *modus vivendi* das populações, os costumes e os modos de se portar na cidade a partir da indústria do entretenimento, da frequência aos cafés, teatros, cafés-concertos etc. Todas essas experiências foram vividas tanto pelos cidadãos comuns como também pelos políticos, médicos e literatos. E foi o discurso dos literatos que certamente inaugurou, por assim dizer, “o chão das cidades”, tendo expressado em larga medida os conflitos e

as vivências dos sujeitos e a forma como estes se relacionaram dentro desse espaço. Assim, o discurso literário sobre o urbano criou outra cidade distinta daquela que se instaurou dentro do discurso da ordem do urbanismo. (NASCIMENTO, 2021, p.6).

Em muitos casos, a cidade foi retratada como um lugar de oportunidades e promessas, uma vez que o espaço urbano tornava-se a expressão da civilidade e da cultura. Oscilando entre os polos positivo e negativo, os escritores souberam falar das cidades e, de acordo com Nascimento (2018, p.26), “os discursos dos literatos, por mais distintos que sejam, variaram entre a louvação à cidade como vitrine da modernidade e a constatação da perda de elos entre os indivíduos e o mal-estar diante de um espaço que passa a não ser mais familiar.”

Charles Dickens, por exemplo, em seu romance *Grandes Esperanças*, retratou a cidade como um local de ascensão social, onde personagens como Pip buscam melhorar suas vidas. A cidade é vista como um ambiente dinâmico e cheio de possibilidades, mas também pode ser impiedosa e competitiva.

Por outro lado, a cidade também pode ser retratada como um espaço alienante e desumanizante. Franz Kafka, por exemplo, em *A Metamorfose*, explora a cidade como um lugar onde os indivíduos são reduzidos a meros componentes de uma máquina burocrática impessoal. A cidade pode engolir a identidade e a individualidade dos seus habitantes, transformando-os em peças anônimas de uma engrenagem maior.

Por fim, a cidade pode representar a solidão e o isolamento. Alguns autores exploraram a sensação de alienação e vazio vivida nas grandes metrópoles, no pese a existência da multidão, que forma uma “unidade na desunidade”, com bem afirmou Marshall Berman. (1986, p. 12).

3. A modernidade nas crônicas de *Tipos de Bogotá*, de Francisco de Paula Carrasquilla

A escolha das cônicas *A Beata*, *O Músico de Cordas* e *O Recém-chegado da Europa*, da obra de Francisco de Paula Carrasquilla, em *Os Tipos de Bogotá*, se deu porque através delas o autor ressaltou a paisagem, onde também se incluem os seus habitantes, buscando colocar em relevo o habitante que ainda está preso à uma tradição. “A Beata” é uma mulher de natureza religiosa, devota e pudica, que muitas vezes é apresentada de forma cômica ou caricata. Através da figura de *A Beata*, é possível refletir sobre espiritualidade, solidão, fanatismo religioso e a busca de sentido para a vida. *A Beata* representa a mulher que serve a Deus com todas as responsabilidades de uma fervorosa, seguida dos princípios da religião. Em casa, briga com os criados, com as crianças e com a cozinheira. Mulher que denota devoção na igreja e em seu lar “incorpora a besta”. A figura do devoto na obra de Carrasquilla costuma servir de elemento humorístico e crítico de certos aspectos da sociedade, e aquele que incorpora o repertório de uma modernidade de empréstimo, como é o caso da crônica o “Recém-chegado da Europa”.

No tocante ao gênero literário, cabe destacar que a crônica está relacionada ao fator tempo, pela própria origem etimológica da palavra que deriva do grego - *Chronos*, cujo significado é tempo. A crônica se caracteriza por ser um texto que retrata situações cotidianas, eventos e observações do dia a dia de forma breve, geralmente em prosa e o cronista pode abordar uma variedade de temas, desde acontecimentos políticos e sociais até episódios pessoais, humorísticos ou filosóficos, conforme assinala Davi Arrigucci Jr (1985):

O cronista moderno, é claro, está mais perto dos fatos do que da tradição oral ou histórica, como comentarista que é dos acontecimentos cotidianos; mas de vez em quando retoma, por assim dizer, a *persona* de seus ancestrais. É sabido o fraco que Machado de Assis tinha pela prosa do cronista medieval Fernão Lopes. E, à medida que a crítica avança no conhecimento de sua obra, vai-se vendo o quanto havia de penetração histórica, numa simples crônica do velho bruxo, escrita com pena de ponta fina e malignamente irônica, como tantas de suas melhores páginas ficcionistas. (ARRICUCCI Jr., 1985, p. 53-54).

Conforme assinalado por Arrigucci Jr, na crônica o cotidiano é reinventado através do olhar do cronista, sendo a crônica um gênero textual flexível, permitindo ao autor utilizar uma linguagem coloquial e informal, além de explorar a subjetividade e a sensibilidade. Uma das características marcantes da crônica é a capacidade de captar a atenção do leitor desde o início, prendendo-o em uma narrativa curta e envolvente. Ela busca despertar emoções, fazer reflexões e transmitir uma visão particular do autor sobre o mundo.

Tendo em vista que uma das características da crônica é a sua relação com o tempo e com os acontecimentos cotidianos, Antônio Candido, em seu texto *A Vida ao Réis do Chão*,¹ afirma que a crônica é um gênero textual que explora temas como a representação da vida cotidiana, a marginalização social, a realidade urbana e rural, entre outros:

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas **² deste livro na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO,1992, p. 13.).

No compasso da modernidade e dos tipos da máquina, a crônica captou a fugacidade dos acontecimentos nas ruas, ou seja, aquilo que estaria destinado a passar como um lampejo, abrangendo os *fait divers* do cotidiano. Nessa esteira moderna,

¹ "Vida ao réis do chão" é uma expressão que se tornou famosa a partir de um livro do crítico literário brasileiro Antonio Candido, chamado "Vários escritos" (1970). Em "Vários escritos", Antonio Candido utilizou essa expressão para descrever o tipo de literatura que se concentra nas vidas e experiências das pessoas comuns, nas histórias e situações do cotidiano. Ele destacou a importância de reconhecer e valorizar a literatura que trata dos aspectos mais simples e prosaicos da vida, em contraste com a literatura que se concentra nas elites ou em eventos excepcionais.

² * Publicado originalmente em Para gostar de ler: crônicas, vol. 5 (São Paulo, Ática, 1981-4) e reproduzido aqui com permissão do autor e do editor. *. Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos.

Francisco de Paula Carrasquilla em *Tipos de Bogotá* traz para a cena escrita os trabalhadores das ruas em contraposição ao janota.

Na crônica *A Beata*, Francisco Carrasquilla a caracteriza como uma mulher pudica, possuidora do amor divino e vítima do amor humano, solteira, não gosta do casamento, mesmo sem conhecê-lo e toda a sua mágoa contra o mundo faz a classificação do bom e do mal, aprovando aqueles que serão salvar, como sinal de reprovação, aqueles que serão condenados. É nada menos que a “Casa Sucursal de Providência.” (CARRASQUILLA, 1886, p 47).

Carrasquilla ao sintonizar-se com a modernidade literária europeia pinta a sua fisiologia urbana, a partir dos tipos que circulam na cidade, realizando um verdadeiro inventário. A cidade enquanto paisagem ganha contornos, adquirindo uma feição e a crônica realiza a fisiognomia da cidade.³ A partir das crônicas de Carrasquilla, é possível criar uma fisiognomia da cidade de Bogotá. De acordo com Walter Benjamin, em seu estudo sobre a modernidade parisiense, as fisiologias constituíam um caleidoscópio urbano:

Nesse gênero ocupavam lugar privilegiado os fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso, chamados ‘fisiologias’. Ocupavam-se da descrição dos tipos encontrados por quem visita a feira. Desde o vendedor ambulante do bulevar até o elegante no foyer da ópera, não havia nenhuma figura da vida parisiense que o ‘fisiólogo’ não tivesse retratado” (BENJAMIN, 1989, p. 33-34).

Assim, *La Beata* é parte de uma peça do mosaico caleidoscópico da cidade, no qual a rua ganha relevo, pois, é o espaço onde o escritor coleta seus sentimentos, sentidos, motivos e motivações para a escrita da sua crônica.

Vale ressaltar que a representação da beata solteira e celibatária, de forma estereotipada, encontra seus antecedentes nas cantigas medievais e nos romances do século XVIII há uma representação bastante contundente dessa mulher que não casou e vive uma vida celibatária. Ian Watt em sua obra *A ascensão do romance*, assinala que a solteirona era caracterizada como uma mulher que aparenta um “tipo ridículo e até detestável”, ou seja, é aquela que já passou da idade para se casar. Tal termo aparece no século XVIII, “na edição inaugural do Jornal *The Spinster*.” (WATT, 1996, p. 127). Carrasquilla assim apresenta a beata:

³Termo utilizado por teóricos da Modernidade, como o foi, Walter Benjamin, que alude à fisionomia da cidade e ao olhar do fisiognomista. (BOLLE, 2000).

A las cinco de la mañana, al toque puntual del amanecer en las iglesias, la devota se levanta apresuradamente, abre las ventanas de su habitación y, sin hacer la cama ni lavar su rostro con agua para borrar los vestigios del sueño [...] [...] hace uso del ridículo, su compañero inseparable, y del rosario, su auxiliar; ella abre la puerta de su casa, hace la señal de la cruz seis veces seguidas y sale a la calle.
[...]

Amargada, enojada e intolerante dentro de casa, pelea y discute con los criados, regaña a los niños, exaspera a la cocinera con la variedad y la demora en la hora de comer [...].

Por supuesto, hay excepciones meritorias: hay mujeres, verdaderamente virtuosas, que sirven a Dios de buena fe y realizan obras caritativas y piadosas que merecen elogios y reconocimiento; pero el tipo considerado en su apariencia general, observado en la descripción anterior, es claramente abominable y digno de execración pública. (CARRASQUILLA, 1886, p. 48-52).

A presença do elemento risível na crônica em epígrafe pode ser compreendida como um recurso para encetar uma crítica arguta sobre a hipocrisia presente naquela sociedade, pois a personagem beata é apresentada como alguém excessivamente religiosa e fanática, mas suas ações revelam grandes contradições, pois a devota senhora prega a virtude e a moralidade, mas é pega em situações cômicas que vão contra esses princípios, o que se expressa nos diálogos engraçados entre a beata e outros personagens, nos quais ocorrem mal-entendidos, trocadilhos ou situações inesperadas:

[...] A fe que merece por sus vigalias, apetitos y privaciones, que se le someta á un escrupuloso examen de conciencia, ya que por su ignorancia se halla en incapacidad ele sostener con lucimiento otra clase de examen.

[...] Agloméranse en los atrios tenebrosos grupos ele beatas á esperar la apertura de la iglesia, y allí se consagran caritativamente, en los entre-actos, á hilvanar chismes y desenredar curiosas historietas de actualidad. -Miren, dícele á las otras una beata con cara de contrición perfecta: "no olviden meter en sus oraciones á Fulano; es un malvado masón, que no se quiere casar ni en artículo mortis, y que por fuerza se tiene que condenar. Fulanita ha resultado en mal estado! Ave María purísima, Jesús credo!" Otra santurrona exclama:-"Hoy me confieso con el doctor Arjonita, que es una perfección, tan buen mozo, tan amable, y tánto que me quiere! es que conoce tan bien mi conciencia y mi genio; cuando ' me confieso con él, casi no tengo que examinarme, no hay mejor padres espiritual!" Las otras gruñen, rezan y cuchichean. (CARRASQUILLA, 1886, p.48-49).

A personagem beata é descrita como "raivosa" e essa adjetivação caracteriza um temperamento irritável ou facilmente irritável e, conforme expresso na narrativa, "a velha beata raivosa" seria uma pessoa idosa, devota e religiosa, que também é propensa a expressar raiva ou irritação com frequência:

En las grandes festividades religiosas y sermones de cuaresma, en que numeroso concurso invade las naves y obstruye las puertas del templo, la beata, aun cuando llegue tarde logra subir á buen puesto á fuerza de braceo, empenones y codeos, pasando por encima de los fieles y pisoteando á las devotas; una vez estacionada en su puesto, ganado con tan ímprobo trabajo, desemboca á pocas vueltas de meditación en un sueño profundo ...[...]

[...]Resabiada, bravía é intolerante en la casa, riñe y disputa con los criados, regaña á los niños, exaspera á la cocinera con la variedad y tardanza en las horas de comer, aparta con asco los platos de la mesa sin probar los manjares, entorpece y altera el régimen doméstico y hace pecar á troche y moche á todos los que viven en la casa, siendo estériles los esfuerzos y sacrificios de la familia para mantener á la necia gazmoña contenta y apaciguada; á proporción que crece la condescendencia para con ella, aumenta su desconsideración y se hacen más fieros sus modales. (CARRASQUILLA, 1886, p. 50-53)

A cena descrita pelo narrador de Carrasquilla desperta o riso, uma vez que a personagem beata é caricaturizada como alguém muito religiosa, mas que diametralmente é também uma pessoa irritadiça, raivosa e toma conta da vida de todos. O recurso ao riso na narrativa tem a função da crítica a determinados membros da sociedade e um deles é o excesso de religiosidade, além do alívio cômico em meio às implicâncias da personagem beata com os que trabalham, como é o caso da cozinheira ou os embustes ao utilizar “água sagrada falsificada”:

[...] la beata no se limita tan sólo á meter en sus oraciones á la paciente, encomendándola á Dios, sino que de antemano la provee de reliquias para los casos fortúitos, á fin de que salga con bien. En el día del supremo trance se presenta con su cera de la Candelaria (para que el alumbramiento se efectúe á toda vela) y su botella de agua de Lourdes falsificada, porque al amigo á quien le hizo el encargo del santo líquido lo echó en olvido, y acordándose en el río Magdalena, por no quedar mal con su amiga, llenó allí la botella: la beata riega el lecho de la enferma y espera confiada el desenlace de aquella escena. (CARRASQUILLA, 1886, p.52)

Elias Thomé Saliba, em sua obra *Raízes do Riso*, ao investigar a natureza do humor e do riso no Brasil durante o período que abrange o final do século XIX até a década de 1940, assinala que o risível consistia “no sentimento do contrário, provocado pela reflexão, que não se oculta nem se converte em forma de sentimento, mas em seu contrário, em sua negação, acompanhando o sentimento como uma sombra.” (SALIBA, 2002, p. 25).

O autor mencionado afirma ainda que o riso é uma resposta a situações de estranheza e imprevisibilidade, mas também destaca que o humor e o riso são construções históricas, ou seja, o que é considerado engraçado e humorístico é moldado pelo contexto histórico, cultural e social em que ocorre. Assim, a beata foi representada de modo crítico, através do riso, em um contexto de afirmação da modernidade, cuja racionalidade ganhava ênfase, sendo ela também uma personagem da cidade em que se modernizava, então.

No caleidoscópio urbano pintado por Carrasquilla, uma multiplicidade de tipos é tematizada pelo autor em diversos *flashes*. Na crônica *Recém-chegado da Europa*, o autor coloca em cena um jovem colombiano que retorna a seu país depois de ter morado e estudado na Europa. O protagonista, ao chegar a sua terra natal, se depara com a realidade e os costumes de seu país, que contrastam fortemente com as experiências que viveu na Europa. Sobre a citada crônica, Santos e Blanco (2012, p. 175), assinalam que:

o narrador de Carrasquilla em “*El recién llegado de Europa*” apresenta ao leitor o cotidiano de um sujeito colombiano recém-chegado da Europa, traçando, por meio de um *flâneur*, os percursos desse cidadão que destoa no espaço, realizando uma espécie de “botânica no asfalto”, como bem postulou Walter Benjamin. (SANTOS e BLANCO, 2021, p. 175).

Na narrativa de Carrasquilla, um jovem colombiano retorna a seu país depois de ter morado e estudado na Europa. O protagonista, ao chegar a sua terra natal, se depara com a realidade e os costumes de seu país, que contrastam fortemente com as experiências que viveu na Europa.

Henchido nuestro dandy de un profundo desprecio por todo lo que tenga que ver con su patria; no puede transigir con sus usos bárbaros y retrógrados; sus hombres le parecen ridículos é ignorantes, critica acremente todo quanto ve en torno de suyo, y hasta su parentela, a la cual califica de rústica y vulgar, excita su enojo y le produce vergüenza..

[...] debería considerarse afortunado; pero, desafortunadamente, solo pudo contraer la contagiosa influencia de vicios degradantes en el ambiente de la gran ciudad y envenenar su espíritu con el veneno del escepticismo moderno y la indiferencia hasta el final; y así se manifiesta en todos sus actos vanos, tontos y superficiales, sin haber traído consigo más que ropa nueva en lugar de un corazón gastado [...]. (CARRASQUILLA, 1886, p. 83-85)

Através desse personagem, Carrasquilla critica fortemente a sociedade colombiana da época, expondo as diferenças culturais e sociais entre América Latina e a Europa, abordando questões como o choque cultural, a adaptação a um ambiente

diferente e uma visão crítica da realidade social. Além disso, o autor colombiano desvelou “a influência do discurso europeu sobre o povo colombiano. Nessa crônica, encontramos a crítica à aceitação do hegemônico, da dominação econômica e ideológica através do que denomina Raymond Williams de ‘estrutura de sentimento.’” (SANTOS e BLANCO, 2012, p.176.).

Na crônica em tela, o autor debate a modernidade de empréstimo vivida pelo protagonista, expressando o que podemos chamar de complexo de vira-lata.⁴ É importante destacar que esse termo foi originalmente introduzido pelo renomado escritor brasileiro Nelson Rodrigues nos anos 1950 e foi utilizado para descrever um sentimento de inferioridade ou autodepreciação que algumas pessoas ou grupos culturais desenvolveram em relação a outros considerados superiores, especialmente em contextos internacionais. Esse sentimento de inferioridade pode ser alimentado por uma série de fatores, como histórico de colonização, influência cultural estrangeira dominante, falta de confiança nas instituições nacionais e assim por diante. O complexo de vira-lata pode levar as pessoas a desvalorizarem sua própria cultura, história e realizações, buscando constantemente a aprovação ou validação de culturas estrangeiras, como se pode observar na passagem abaixo:

[...]

Por supuesto que los asuntos de su tierra no le importan tres bledos; de continuo se mofa de sus proyectos de progreso, que él juzga irrealizables, y le son indiferentes sus infortunios, para los cuales no halla remedio; sus miradas están fijas en el Viejo Mundo; hacia allá se dirigen sus esperanzas y sus deseos, como que es el único teatro donde puede brillar su genio en toda plenitud y echar á volar sus grandes facultades para la realización de sus anhelos.[...]

[...]Al pensar en París, en su amado París, una sombra de dolor nubla su frente, languidecen sus ojos, y sus labios, agentes de su corazón, suspiran con tristeza. [...] (CARRASQUILLA, 1886, p.84-85).

Adotando uma postura que vai do vira-lata ao “cosmopolita pobre”⁵, ou seja, aquele cosmopolitismo subalterno, que está sempre em descompasso com a matriz eurocêntrica, o personagem de Carrasquilla se expressa como se ainda estivesse vivendo em Paris, com a recorrência da expressão “pues en Paris”:

⁴O termo "vira-lata" faz referência a cães vadios ou sem raça definida, muitas vezes associados à ideia de abandono e falta de pedigree. Assim, o complexo de vira-lata implica sentir-se como um "cão vira-lata" em comparação com outras nações ou culturas que são percebidas como mais desenvolvidas, poderosas ou prestigiadas.

⁵ O termo “Cosmopolitismo do pobre” é o título de um conjunto de ensaios de Silviano Santiago. O crítico literário conceitua esse cosmopolitismo como aquele subalterno, que se define a partir das margens, fora dos centros hegemônicos.

[...] Con la frase obligada de "pues en París," en toda conversación, venga ó no venga al caso, mortifica y agota la paciencia de sus paisanos, así como con relatos de viajes inverosímiles, de incidentes sobrenaturales, de lances prodigiosos, de conquistas extraordinarias, narrando todo esto con insoportable acentillo gálico. (CARRASQUILLA, 1886, p.84).

Carasquilla se destacou por construir uma fisionomia da cidade de Bogotá ao representar a vida e a cultura das ruas, mostrando a cidade como espaço babélico, o que se pode observar também na crônica *O Músico de Cordas*, na qual o autor tematiza os bailes caseiros, as serenatas e os passeios tão comuns na cidade. O autor usa como elo que une oração com alegria, oração com diversão, o místico com o profano:

Como ente pasivo y corredor de música se deja conducir humildemente de uno á otro sitio, del templo donde terminó el sagrado cántico de vigilia, al salón donde empieza el ruído de la danza; del fúnebre duelo al mundanal placer; sin que tan súbitas transiciones alcancen á alterar en lo mínimo su habitual indiferencia ni á grabar la más leve contracción en su rostro sereno, el cual se muestra lo mismo en un entierro que en un baile de criadas; sin que lo uno le conmeva el espíritu ni lo otro le mancille el carácter. (CARRASQUILLA, 1886, p.69).

A crônica em tela critica a ganância, a corrupção e a perda de valores essenciais, destacando a importância dos princípios éticos e morais na vida em sociedade. A crônica é um gênero literário que frequentemente aborda questões sociais e culturais, permitindo que o autor compartilhe suas perspectivas sobre a sociedade.

[...]
Hoy, cuando las fiestas y las diversiones son escasas debido a la alarmante crisis del metal, cuando los funerales de los ancianos se realizan con más pompa que los de los difuntos, y cuando los servicios funerarios han perdido brillo como otras ocupaciones, la situación del músico se ha estrechado tanto que se ha convertido en un artista desempleado, porque no tiene nada que hacer, y la miseria con su rostro terrible.
Mientras el pobre artista no encuentra ocupación y carece de habilidades para dedicarse a otra cosa y todas las puertas se cierran y todas las ventanas se oscurecen; todos los horizontes, se arroja desesperadamente al abismo y a la embriaguez, y cuelga su instrumento como David, hasta que finalmente el feroz segador lo despoja de la capa animal y lo cubre con la vegetal en la última mortaja. (CARRASQUILLA, 1886, p. 70-72).

Na narrativa da crônica *O Músico de Cordas*, podemos observar diversos aspectos e temas, além dos mencionados anteriormente. Alguns desses aspectos incluem: os desafios enfrentados pelo músico de cordas em um contexto social e

econômico difícil. O músico é retratado como alguém que luta para encontrar trabalho e sustento devido à escassez de festas e eventos culturais. Faz uma crítica à sociedade da época, onde os serviços funerários são mais valorizados do que a arte e a cultura. Isso reflete uma inversão de valores, onde a cultura e a expressão artística são negligenciadas em favor de aspectos mais mundanos da vida.

Nuestro protagonista, bajo el punto de vista artístico, tiene el privilegio de producir expansión y entusiasmo en los corazones, así en las: fiestas populares y bailes caseros, como en las serenatas y paseos, con los melodiosos sonidos de la guitarra y la bandola; inspirando tristeza. y recogimiento en los oficios fúnebres y en las ceremonias de cuaresma con las graves y severas notas del violón ó del violín.
(CARRASQUILLA, 1886, p.69).

O autor expõe a miséria e o desespero enfrentados pelo músico desempregado. Ele é retratado como alguém que, sem perspectivas de trabalho, recorre à embriaguez como uma forma de escapar de sua situação difícil. A referência à história bíblica de Davi e seu instrumento pode ser vista como uma metáfora para a luta do músico contra as adversidades. Assim como Davi enfrentou o gigante Golias, o músico enfrenta seus próprios desafios e obstáculos. A crônica sugere um declínio na importância da cultura e da arte na sociedade contemporânea. Isso pode ser interpretado como uma crítica à falta de apoio à cultura e à educação artística. Outro tema abordado são as desigualdades sociais, já que o músico de cordas é retratado como alguém que luta para sobreviver enquanto outros gastam recursos em festas e cerimônias de funeral pomposas.

Con perenne cachaza é incurable pereza, á fuer de buen santafereño, sabe ostentar inalterable calma en los variados lances de su vida; extraño fenómeno en quien es el principal motor de la pública alegría y el más perfecto símbolo de la diversión.[...]
Tiene establecido su despacho, y á disposición de quien quiera ocuparlo, en las fondas de mala vida y mala muerte, donde revela en su plenitud la afición por los bajos, asociándose con los beodos de profesión, estudiantes sin acudiente, talladores de monte, artistas sin trabajo y doctores sin clientela, y allí aparece no solamente como artista instrumental; en el arte bocal es una potencia...[...]
Trabajar sin descanso es la misión de las clases proletarias, no para proporcionarse tranquilo y suave bienestar, sino para asegurar con la dura labor de hoy el pan y el sufrimiento de mañana, pagando con lianto y con sudor el derecho de vivir. Los pobres están condenados á servir, porque los ricos no sirven para nada.
Cuando el pobre artista no halla ocupación y carece de aptitudes para dedicarse á otra cosa y se le cierran todas las puertas y se le oscurecen todos los horizontes, se lanza desesperado al abismo de la embriaguez, y cuelga su sufrimiento como David, hasta que al fin la parea fiera lo

despoja de la capa animal y lo cubre con la vegetal en la última morada. (CARRASQUILLA, 1886, p. 69-70;.72).

A narrativa expressa a vulnerabilidade dos artistas, que muitas vezes dependem das condições econômicas e do apoio da sociedade para exercerem seus ofícios e talentos. No geral, na crônica *O Músico de Cordas*, o autor aborda questões sociais, culturais e econômicas da época em que foi escrita, refletindo sobre a condição do artista em uma sociedade que nem sempre valoriza adequadamente a arte e a cultura.

Sem dúvida, Francisco Carrasquilla tomou “a literatura como missão” ao fazer a crítica entre o ócio burguês e a produtividade da classe trabalhadora, além de mergulhar no mundo do trabalho pautado pela injustiça. Sobre essa aproximação entre o literato e o trabalhador, Walter Benjamim (2017) enfatiza a relação entre a escrita literária e a revolução, ressaltando que as tendências políticas e literárias devem coexistir em uma obra, fazendo que o autor expresse uma consciência e uma responsabilidade social.

Considerações finais

A obra *Tipos de Bogotá* reúne uma série de crônicas que exploram diferentes aspectos da vida na cidade de Bogotá, capital da Colômbia. Essa coleção de histórias oferece uma visão multifacetada de Bogotá, capturando a essência da cidade por meio de personagens e situações variadas.

Uma das características marcantes de *Tipos de Bogotá* é a sua capacidade de retratar a complexidade da vida urbana, uma vez que *Tipos de Bogotá* é uma expressão que se refere a um conjunto de fotografias, histórias ou representações artísticas que capturam a complexidade da vida urbana na cidade de Bogotá, na Colômbia. Essa expressão pode ser usada para descrever trabalhos artísticos, documentários ou qualquer outra forma de expressão que explore as diversas facetas da vida na cidade.

As crônicas abordam aspectos da sociedade colombiana, tais como a multiface da vida urbana em uma metrópole latino-americana complexa, oferecendo uma visão crítica e provocativa que desafia os estereótipos e as simplificações. Sua obra é um testemunho literário da riqueza e da contradição da experiência urbana em Bogotá e, por extensão, em muitas cidades ao redor do mundo.

Ao retratar esses e outros aspectos da vida urbana em Bogotá, *Tipos de Bogotá* pode oferecer uma visão multifacetada e rica da cidade, destacando sua complexidade e diversidade. Essas representações artísticas podem inspirar discussões sobre os desafios e as oportunidades que as cidades enfrentam no século XXI.

As obras literárias de Carrasquilla frequentemente retratavam os costumes, a cultura e a vida cotidiana do povo colombiano, especialmente da região de Antioquia. Seu estilo de escrita era caracterizado por uma linguagem descritiva e evocativa, e muitas vezes ele incorporava elementos do regionalismo e do folclore local em suas obras.

Além de seus romances, Carrasquilla também escreveu ensaios e poemas, e seus escritos contribuíram para o desenvolvimento da literatura colombiana de sua época. Suas obras continuam a ser estudadas e apreciadas por retratarem a sociedade e a cultura colombiana do século XIX.

Tipos de Bogotá é uma obra literária que continua a ser apreciada não apenas por sua riqueza cultural e histórica, mas também por sua habilidade em contar histórias e

sua perspicácia na análise social. Através dos personagens e situações que apresenta, a obra oferece uma janela fascinante para o passado de Bogotá e da Colômbia, além de destacar questões universais sobre a natureza humana e a sociedade.

Referências

ARRIGUCCI Jr., David. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário**. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

_____. **Estética e sociologia da arte**. Ed. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. 2 ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: _____. (org). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. [1972]. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARRASQUILLA, Francisco de Paula. **Tipos de Bogotá**. Bogotá: F. Pontón, 1886.

DICKENS, Charles. **Grandes Esperanças - 1860/1861**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREITAG, Barbara. Habermas e a teoria da modernidade. In: **Cadernos CRH**. Salvador: UFBA, 1995. p. 138-163. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/download/18781/12151/63605> . Acesso em 01/08/2023.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MIÉVILLE, China. **The City & the City**. Trad. Fabio Fernandes. São Paulo: Editora Del Rey, 2014.

SALIBA, Elias Tomé. **Raizes do Riso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NASCIMENTO, Luciana. A cidade e o texto: algumas reflexões sobre literatura e experiência urbana. In: RIBEIRO, João Carlos de Souza; NASCIMENTO, Luciana. (org.). **Portuguese Studies Review**, Lusophone Studies Association (LSA), vol. 29, n.1, Toronto: York University, 2021, p. 5-12.

_____. A cidade como palco e seus desígnios na literatura. In: **Policromias**. Revista de estudos do discurso, imagem e som. Publicação quadrimestral do LABEDIS. Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 2018, p. 24-31. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/issue/view/1017/showToc>. Acesso em 10/08/2023.

PEREIRA, Sonia Gomes. A historiografia da arquitetura brasileira no século XIX e os conceitos de estilo e tipologia. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.32, n. 2, p. 143-154, dezembro 2005. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1342/1047> Acesso em 20/08/2023

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia. das Letras, 1993. p.51- 52.

SANTIGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Silvano Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Cleilton França; BLANCO, Simone Vieira Nieto. Imagens de Bogotá: espaços vividos na cena e na obscena. In: RIBEIRO, João Carlos de Souza; NASCIMENTO, Luciana. (org.). **Portuguese Studies Review**, Lusophone Studies Association (LSA), vol. 29, n.1, Toronto: York University, 2021, p.167-178.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Site consultado

<https://www.colombia.co/estaescolombia>